

# RELATORIO

## do movimento do Centro Litterario

APRESENTADO PELO SEU PRESIDENTE

DR. GUILHERME STUDART



*Senhores do Centro Litterario,*

Acceitando o cargo de presidente desta Associação, sabia bem que, além de outros compromissos, tomava sobre mim o do Art. 7.º de sua lei organica, que me incumbe fazer o relatorio do nosso movimento intellectual e material durante o anno, que hoje finda.

Não fui victima de uma surpresa...

E si assim é, e si não me recusei ontão á distincção, consoo do que valho e do que valeis, não ide acreditar que obedeci a falsa noção de uma primazia, que nada justificava; julguei e julguei bem, que a minha idade, e elle apenas, tragara a preferencia; e demonstrei com o exemplo, como em casos identicos tenho feito, que nenhum membro póde recuar o seu curso, grande ou pequeno, ao andamento regular da associação a que pertence.

Não encarei responsabilidades, por cegar-me pela muita vontade de neste terreno, como em outros, prestar algum serviço, embera exiguo, aos moços de minha terra; não calculei o peso do encargo para tão sómente pensar que holocaustava-me no altar da ideia, que ha longos annos me seduz, e pela qual ha muito me bato—a organização e a dif-



fusão das associações como uma escola de moralisação, como um dos elementos primordiales do progresso humano.

E', pois, em observancia ao dever exarado no Art. 7.º dos nossos Estatutos, meus amigos, que vos dirijo a palavra.

O Centro Litterario, obedecendo ás lições da experiencia, celebrou a 13 de Outubro de 1895 uma reunião, que gassinalla <sup>o</sup> que chamarei sua 2.ª phaze. E' um dos seus marcos milliaros.

Grupo de moços, avidos do estudo, e sequiosos de salientar-se nas luctas do pensamento, escrevera o Centro antes daquella data bellos attestados de sua vitalidade, demonstrara a pujança e a elevação de seus ideias, já publicando as *Clamydes*, livro de versos de Ulysses Sarmiento, os *Contos Singellos* de Francisco Silverio e o *Coração*, poemeto de Rodrigues de Carvalho, tão justamente apreciados, já mantendo na imprensa o *Iracema*, periodico a que jámais faltou o favor publico, mas é furçoso convir que vem daquella data sua inteira organização como sociedade.

Naquelle dia, verdadeiramente, consolidou-se a obra generosa e patriótica a que alguns de entre nós se têm dedicado com raro civismo e notavel abnegação; aquella sessão gerou reformas garantidoras de vida e preparou terreno apropriado para melhor nos affirmarmos entre as associações congeneres.

E posso assim exprimir-me com tanto maior franqueza quando não tive quinhão algum nessa revolução pacifica, esclarecida e proveitosa, cujos fructos muito me apraz denunciar.

Uma das medidas então adoptadas foi a reducção dos socios a numero marcado; outra a fixação de um local para as reuniões, que seriam quinzenaes, que tambem isso ficou determinado; uma terceira foi a substituição do jornal



*Iracema* por uma Revista Trimensal a maneira das do Instituto ou da Academia Cearense.

Limitar o numero dos membros de uma aggremação como a nossa é valorisar, é dar importancia capital á distincção outorgada aos que della fazem parte, ao mesmo tempo que é diminuir as tentações ás pequenas luctas, e cerrar a porta ás explosões repetidas da intriga, que enfraquecem quando não dão a morte irremediavel.

Produzida alguma vaga, ha occasiões bastantes para os candidatos darem arrhas de seu valor intellectual e moral, e de apresentarem as provas de seu merito comparativo, simultaneamente que á associação, á cuja porta elles batem, sobejará o tempo para analysar e concluir sobre os direitos dos que entram em competencia.

Sem numero limitado, a admissão dependerá da maior ou menor severidade, das mais ou menos vivas sympathias dos associados para com os pretendentes, que serão tantos quantos aquelles a quem acalentar o amor proprio ou aguihoar a vaidade; mas a limitação do numero protegerá melhor a associação de penetrarem em seu seio elementos, senão nocivôs, indifferentes ao seu progredimento porque então estabelecerá a rasoavel selecção, e o que se alcança de um acto em que domina a bondade natural não se permite a madureza nem o culto da justiça.

E uma tal pratica é a geralmente adoptada entre nós. Que o digam o Instituto, cujos membros são 12 e a Academia Cearense, que limitou os seus a 24, e não tem tido do que se arrepender.

Assentou-se, portanto, que seriamos 30 tão somente.

Infelizmente as exigencias da vida trazem affastados de nós os socios Papi Junior, Frota Pessôa, Vianna de Carvalho, Themistocles Machado, Martinho Rodrigues, Soares Bulcão, Mattos Guerra, Justiniano de Serpa, Antonio Bezerra e Fiusa de Pontes.



Todos, seja dito de passagem, têm sabido recommendar-se nos novos circulos de suas relações, honrando-se e á associação a que têm garbo de pertencer.

Fabre des Essarts fez preceder sua deliciosa *Canção das côres* de umas phrases mimosas, que começam assim: « uma tradição syriada nos mostra Moysés parando sobre as encostas do Synae a colher flôres modestas para com ellas ornar o seio da esposa celeste, da dôce Sephora, filha amada do Sacerdote Jethro. »

Para todos elles, os nossos companheiros de quem ora nos recordamos com saudade, o Centro Litterario, que é uma como nesga de luz que os prende á patria querida, continúa a ser objecto dos seus melhores votos, inspirador de suas almas de poetas, caçoila de seus amores, Sephora de sua predilecção.

E já que me occupo do nosso pessoal, seja-me licito lembrar que urge a necessidade de alargarmos, no justo limite, bem se vê, a lista dos socios correspondentes, que se contam em numero de 16: Dr. Clovis Bevilaqua, Bento Ernesto Junior, H. Castriciano, Raymundo Lavor, Francisco Silveiro, Francisco Palma, Dr. Adherbal de Carvalho, Dr. Xavier de Carvalho, J. Augusto de Araujo, Dr. Americo Barreira, Luiz Mavignier, Francisco Ignacio de Queiroz, José Martins de Souza Brazil, Pedro Catão, Francisco Barroso e José Arthur Montenegro, sendo este o unico escolhido durante a minha presidencia.

Fixar o local da associação é circumdal-a de um certo ar de respeitabilidade, que não encontra no continuo doudejar a cata de um ponto de abrigo; é regularisar alguns de seus serviços, de todo incompativeis com a mudança frequente, como o do secretariado, o do bibliothecario; é zelar-lhe os bens e os utensilios; é fiscalisar seus empregados; é garantir-lhe, em uma palavra, o funcionamento harmonico e completo.



O lado máu da pratica, que tinhamos, de celebrar sessões ora aqui, ora ali, deixa-se ver por tantos modos que o querer apontal-os seria commetter uma injustiça á vossa perspicacia.

Felizmente o Instituto do Ceará, a notavel associação á qual tanto devem os estudos sobre a historia e a geographia patrias, abriu-nos generosamente os seus salões, tanto á Rua da Alegria como á Praça General Tiburcio, onde celebramos durante o anno 23 sessões ordinarias, das quaes tive o prazer de assistir a 21.

O historico dessas sessões está feito com a maxima fidelidade e zelo no livro destinado a esse fim e confiado á guarda do nosso incomparavel secretario.

Verifiquei dos apontamentos, colhidos nesse livro de actas, que até Outubro de 1895 fôram celebradas cinco sessões em que se lêram 69 producções litterarias, prosa e verso, sendo por ventura a mais fertil em trabalhos apresentados a sessão, que presidi á Rua Formosa n. 131; verifiquei mais que, d'aquella data até hoje, fez-se a leitura de 94 trabalhos, muitos dos quaes, publicados na nossa Revista, conquistaram os applausos da critica, quer fóra, quer dentro do paiz, e mereceram a transcripção de authorisados orgãos da imprensa.

Mas, para attestar a vitalidade do Centro Litterario, ha mais alguma cousa e de valor inextimavel— a publicação dos *Miudinhos*, livro de contos, de Fernando Weyne; os *Versos de hontem*, de Pedro Muniz, que cultiva a prosa com a mesma felicidade com que desfere a lyra, para os quaes escreveu o prefacio Vianna de Carvalho; *Os Pescadores da Tahyba*, com prefacio de Pedro Muniz, livro cearense ás direitas e o melhor titulo ao renome de que goza Alvaro Martins, o popular Alvarins, um trovador que nasceu tal, como chamou-o alguém, e os *Prismas*, scintillações do espirito finamente artistico de Rodrigues de Carvalho.

Ao encerrar-se o anno de 1894 annunciavam-se 4 poe-



mas, 13 livros de versos, 4 romances, 4 livros de phantasia e 4 de contos. Afigura-se-nos que a expectativa foi illudida, que a realidade não correspondeu aos compromissos.

Não me admiro, mesmo porque de alguns desses projectados volumes o auctor havia assentado, e para alguns não definitivamente, só no nome de baptismo, só no titulo com que haviam de se apresentar.

Não importa; podemos affirmar afoitamente que nos quatro livros, com que se aureolou, o Centro recebeu a consagração publica de seus valiosos serviços á litteratura do Norte.

Supponha-se que convidados para o piparo banquete, esquecemos a longa lista do cardapio pelo delicioso de certas iguarias, embora poucas, com que nos mimosearam o paladar.

Além das nossas 23 sessões ordinarias, todas aquecidas pela verve e pelo espirito de que tem o segredo a juventude, todas consagradas ao culto da arte, e ás seducções do bello, eternos themas, nunca exgottados, e sempre novos para as locubrações da intelligencia e as delicadezas do coração humano, empolgamos o ensejo, que nos fornecia a data de 12 de Dezembro para em uma assembléa extraordinaria prestar o tributo de nossa admiração incondicional á estrella mais fulgurante do céu da nossa litteratura, ao genial Alencar.

Aquella sessão attestará a todo tempo que o Centro, honrando a maior gloria Cearense, revolta-se contra a indifferença com que é olhada sua memoria na terra de seu berço; aquella nossa homenagem valerá um protesto contra a victima de uma ingratição, que não se qualifica e que nos deve humilhar perante os outros Estados e quiçá o mundo inteiro.

E como as glorias Brasileiras pertencem-nos tambem, dentro de breves dias iremos levar a nossa pedra ao edificio da publica homenagem que o Ceará intenta prestar ao outro



cantor da legendaria Cecy, o immortal Carlos Gomes, sobre cujos despojos ainda quentes soluça a arte consternada e attonita.

A transformação do *Iracema* n'uma Revista deu um tom de maior seriedade a esta outra face, por que estamos a revelar-nos na republica das lettras.

E que bellas revelações podemos registrar!

Um jornal por melhor elaborado, a não ser que caia em mãos de colleccionadores ou de amadores do genero, dispersa-se quasi logo que vem á publicidade, extravia-se e com elle desaparece muita vez a lembrança dos artigos, que encerra; as Revistas, porém, proporcionando leitura igualmente commoda e sadia, guardam inviolaveis seus thesouros por tempo mais duradouro e tem mais probabilidades de conduzir atravez das gerações o nome dos seus collaboradores.

Pensando assim, trazemos enfeixados alguns dos trabalhos lidos nas nossas sessões em 2 volumes de 80 pags. cada um e que correm mundo sob os ns. 7 e 8, correspondentes ao 1.º e 2.º trimestres do anno, que passa. A esses, outros se succederão com certeza si prestardes melhor attenção ao estado de nossas finanças, que annunciam um deploravel defficit, o que não era de prever, visto como a Revista do modo como está sendo publicada veio reduzir á metade as despesas a que nos obrigava o antigo jornal. E nesse assumpto melindroso e que merecerá toda a nossa solitudine, faço ponto, meus amigos.

Nessas minhas phrases cesalinhas encerra-se a historia da nossa modesta existencia.

Traçal-as era o meu dever, e eu busquei desempenhal-o.

Mas o cumprimento do dever é uma empreza bem difficil-tosa, verifico mais uma feita neste momento; é muita vez a maior das emprezas, como disse — o Canovas del Castello expondo seu programma politico perante Senadores e Deputados de Hespanha,



Em verdade, ha deveres bem arduos, e nenhumo será mais que uma confissão publica.

Satisfazer um compromisso não demandará grandes esforços, dadas certas e determinadas circumstancias, mas se cercará as vezes de obices de tal natureza, de difficuldades tamanhas, que sua execução representará um sacrificio. Quando o acto depende de nossa exclusiva vontade e ella se sente bem aparelhada, quando o acto se produz sem carecer de pedir por emprestimo influencias extranhas, quando á nossa aptidão provada ajuntam-se o favor geral e a alheia sympathia, então tudo vae a contento e corre espontaneamente; mas si os elementos extranhos, embora cubiçados e requeridos com instancia, se alheiam e recusam sua proveitosa collaboração, e si reconhecendo a obrigação que contrahimos somos os primeiros a descobrir em nós a incompetencia que enerva, os primeiros a reconhecer-nos impotentes, então só ha logar a lamentar o erro, embora perdoadando a causal do desconcerto commum. Foi o caso. O Centro Litterario, escolhendo-me para presidente e estudando neste momento commigo a sua trajectoria durante estes 12 mezes, trajectoria, sem duvida, luminosa, mas que poderia sel-o muito mais, reconhecerá que foi victima de um engano, e procurará sanar o seu desapontamento, escolhendo para o periodo, que hoje se inicia, quem allie ao muito amor ao trabalho e aos desejos de servil-o, qualidades, que possuo, outros requisitos de que, sou o primeiro a declarar em voz alta, tenho carencia absoluta.

Não vae na phrase a menor sombra de modestia.

Sois aqui os juizes e sabereis collocar acima de qualquer consideração os interesses desta Associação, que tem indiscutiveis direitos ao futuro o mais auspicioso.

« O Ceará não pára, o Ceará não cansa, disse, esc even-do de um de nós, Valentim Magalhães, conhecido e festeja-



---

do critico nacional; » o Centro é fecundo nucleo de talentos da Capital Cearense, ainda ajuntou elle.

Esforcemo-nos por não desmentir a lisongeira affirmacão.

De Themistocles Machado, o meu predecessor, se disse creio que na *Cidade*, do Recife, que era nauta pratico e amestrado.

Nada de confiar a barca dos nossos amores a um timoneiro, como eu, sem vista prompta, sem braços fortes, sem energia de acção.

28 de Setembro de 1896.





## SESSÃO CONSAGRADA

## Carlos Gomes

DISCURSO PRONUNCIADO PELO DR. JOSÉ LINO DA JUSTA,  
ORADOR OFFICIAL DO CENTRO LITTERARIO

*Minhas Senhoras.*

*Meus Senhores.*

Invoquemos o passado e por um instante permitti que o espirito se embale na contemplação das eras, que se forão e de lá traga, atravez dos nevoeiros accumulados pelos seculos — uma restea de luz, que venha dar mais brilho a esta festa da immortalidade.

Lá n'um dos recantos do mundo antigo existio um povo, que teve o culto grandioso das artes.

Adoravel e bellissimo paiz era este onde as aguas do archipelago jonio tingião-se de purpura ao reflexo dourado do sol transposto, onde o grupo das ilhas hellenicis sorria na belleza classica que os cantos homericos lhe déram, e espreguiçavão-se languidamente nos braços, que inspiraram mais tarde os poemas romanticos de Lord Byron.

Formosa terra de artistas, onde soprava a dôce brisa da Thracia, impregnada de uns perfumes suaves de balsamina mimosa, onde Venus atravessava de Creta para Ithaca sob



a fôrma de umas ondas voluptuosas e mansas e onde ouvia-se a ultima phrase de seducção de Jupiter, voando n'um barco ligeiro que quasi aportava às arenosas plagas de Cephalonia e n'aquelle céo azul, de crepusculos fulgurantes, como que se via pintado o congresso dos deuses e das deusas. (1)

Os habitantes d'esta terra excepcional, este povo de *estatuas*, na phrase de um escriptor, teve um culto sublime pela elevação do espirito humano.

Entre todas as artes, que cultivaram, a musica teve um lugar superior e elevado. Os seus mythos religiosos attestão as adorações da musa Euterpe presidindo a harmonia.

O mundo é o sonho de Deus, diz um philosopho.

Não se poderia dizer com mais razão: Deus tendo creado o mundo e o vendo imperfeito, mas não querendo recommençar sua obra, sonhou um outro mundo mais bello, mais brilhante, mais digno de si mesmo, novo paraizo terrestre, onde a poesia ou a musica, Eva antes e depois do peccado passeia esplendidamente bella e encantadora?

A arte é este sonho de Deus e o artista é uma creatura privilegiada, que tem a missão de realisar este outro mundo, que nos consola do primeiro. (2)

Os gregos, considerando a musica como uma lingua universal—applicavão-n'a a todas as Bellas-Artes.

O estudo da philosophia, que tanto sondaram com uma profundeza admiravel, era precedido pelo estudo da musica. Foi talvez por isto que Pythagoras dizia que a musica—era a sciencia da ordem em todas as cousas.

O culto da maravilhosa arte dos deuses, teve, pois, nos gregos a intuição do bello.

---

(1) *Entre o Céo e Terra*. (Flavio Reimar)

(2) *Les Dieux de la Peinture*. (Th. Gautier et A. Houssay, pag. 361).



E' que a musica desperta em nós, sentimentos, paixões e idéas tão variadas e diversas, que faz com que o espirito descubra mais segredos e mysterios nas profundezas do coração humano.

Era por isto que M.<sup>me</sup> de Stael sempre dizia que a musica duplicava a idéa que temos das faculdades de nossa alma.

Ella ergue dôcemente o peso que quasi sempre se tem sobre o coração quando se é capaz de affeições sérias e profundas; este peso, que se confunde muitas vezes com o proprio sentimento da existencia, tão frequente é a dôr que elle causa.

Therpandra com seus cantos acalmava as revoluções de Sparta e Tyrteo, que foi musico e poeta, conduzia os Lacedomonios ao ardor dos combates.

A trombeta de Jericó derrocava as muralhas das cidades e os Hebreus defendião o seu Deus, no fragor das batalhas, ao som das cytharas e dos tambores.

Os arabes atiravam-se aos seus inimigos, cheios de fé e enthusiasmo, envoltos no pó dos desertos, ou transpondo os alcantis das Hespanhas, ao som dos cymbales.

Shakspeare, o grande mergulhador do coração humano, dizia que o homem que não tem no espirito musica nenhuma, e que não se emociona pela harmonia, é capaz de trahição e de injustiça, porque os movimentos de sua alma são lentos e mornos como os movimentos da noite.

\*  
\* \*

*Senhores.*

O que nos traz reunidos n'este recinto, onde vejo a *elite* dos espiritos cearenses, não constitue verdadeiramente o apparatus de uma sessão funebre á memoria de um morto vulgar, é antes a glorificação de um vulto que passou pela vida trazendo, desde o berço, estampado na fronte, o *stigma* soberbo do genio.



Quem no Brazil, até o presente, elevou-se mais ao fastigio da arte musical do que Carlos Gomes?

A sua obra, que é vasta, constitue porventura o monumento mais vivo e imperecível que attestará ás gerações de amanhã o que foi na America a grande arte do rhythmico e da harmonia no seculo, que vae expirar.

Carlos Gomes, o filho querido da Paulicéa, nasceu musico e a força de talento e de trabalho fez-se insigne maestro.

Desde creança, na sorridente Campinas, já tinha a fascinação do *bello* e via no firmamento azul de sua terra—a grande estrella da gloria—inebriado n'esta visão esplendorosa dos eleitos—apontando-lhe o roteiro fulgente d'este *Novo-Mundo* encantado, onde só é dado aportar aos predestinados da arte, quer seja Beethoven a despejar cascatas de melodia nas suas assombrosas *symphonias*, ou Miguel Angelo a conceber creações grandiosas que parecem surgir das tintas multicôres de sua palheta como Jehovah fazia erguer da terra ignea as paizagens do Paraizo.

Ha sêres para os quaes, diz Balsac, a musica é uma outra vida, da mesma maneira que o camponez russo toma seus sonhos pela realidade e sua vida por um profundo sonho.

Carlos Gomes, com a sua compleição artistica, foi um d'estes privilegiados da Providencia.

Quando creança ainda, seu temperamento já mostrava uma tendencia irresistivel e innata para a *architectura dos SONS*.

N'uma noite silenciosa e triste, como são as noites brumosas do sul, com o coração talvez esmagado pelo peso de uma pungente saudade, elle deixou a pousada consoladora do lar, e partio dizendo o ultimo adeus aos regatos sussurrantes das collinas e a nevoa que cobria n'um lençol alvissimo os cerros gramosos de Campinas, sua terra natal. e lá foi em busca das miragens douradas e fascinadoras da gloria,



impellido por este *quid* mysterioso que só sentem os cerebros predestinados.

Debaixo d'aquella cabelleira magestosa e bella como a de Mirabeau, havia alguma cousa estranha que crepitava como as solfataras das cordilheiras altissimas.

Era a erupção do genio que se manifestara exuberante e fecunda nas suas composições posteriores.

O *Guarany*, o *Salvator Rosa*, *A Fosca*, o *Condor*, o *Escravo* e muitas outras obras constituem o grande espolio harmonioso do grande morto.

\*

\* \*

*Senhores.*

Entre as produções do illustre maestro a critica musical aponta duas obras primas—O *Guarany* e a *Fosca*.

A primeira, todos sabem, foi inspirada no romance do fecundo escriptor cearense—José de Alencar.

E' talvez a sua opera mais popular.

A *Fosca* é a sua obra mais scientifica, se assim posso me exprimir, pois se approxima da verdadeira escola chamada de Wagner ou allemã, que já é a dominante e será incontestavelmente a musica do futuro.

A escola *Italiana*, á qual filiou-se C. Gomes, já vae cahindo n'um 2.º plano para dar lugar á musica como ella deve ser, isto é, a expressão genuina do naturalismo na arte dos rhythmos e da harmonia.

Na evolução por que tem passado a musica, tres grandes vultos se destacam como revolucionarios e precursores de Wagner—Berlioz, Weber e Beethoven.

O 1.º, sobretudo, foi um exemplo frisante do quanto podem o esforço e a tenacidade.

Grande talento e litterato illustre, começou a sua vida inspirando-se nas obras dos grandes classicos; viajou muito,



escreveu muito e luctou sem desfallecimentos contra a orientação das velhas escolas dos conservatorios officiaes.

Resoluto e energico, franco e decidido, em lucta com Cherubini e outros—elle traçou a verdadeira trajectoria por onde mais tarde deveria seguir Wagner e atear a chamma da revolução lançando as bases do magestoso monumento da musica hodierna.

Falando das obras de Virgilio, elle diz nas suas — *Memorias*—, livro bem escripto, humoristico e as vezes profundo, que todo musico deveria ler, que o grande poeta do imperio romano fallava-lhe das paixões epicas que elle presentia nos seus sonhos oceanicos na ancia de conhecer outros hemispheros e foi o primeiro a abrir o caminho de seu coração e inflammam a sua immaginação nascente. (3)

Assistindo pela primeira vez a representação do Hamlet, de Shakspeare, elle sentiu-se fulminado e expressava-se que o brilho do tragico inglez lhe abriera o céu da arte com um fragor sublime e lhe fez ver illuminadas as suas mais afastadas profundezas. Eu conheci, diz o eminente critico e compositor francez, a verdadeira grandeza, a verdadeira belleza. Comprehendi, senti... que era vivo e que era preciso erguer-me e caminhar. (4)

Não teria influido tambem no espirito de C. Gomes a leitura do romance de Alencar para a concepção melodiosa da primeira opera, que compoz—o *Guarany*?

E' muito provavel e até certo ponto acceitavel.

Mas... Senhores! perdoai-me a franqueza... Se o nosso maestro, em lugar de ter fixado sua residencia na Italia, ao lado de Verdi, tivesse seguido para Allemanha, com o grande talento musical que o distinguia—as suas operas, principalmente o *Guarany*, terião, sem duvida, uma fama mais universal.

---

(3) *Memorias de Hector Berlioz*, pag. 9.

(4) " " " " " " 65.



Livre da escola italiana, da qual o proprio Verdi já libertou-se na sua ultima opera—o *Falstaff*, C. Gomes nos daria outro *Guarany*, com mais naturalidade, com mais colorido.

Não comprehendo na escola italiana como se possa ouvir sem constrangimento n'uma opera—3 figuras exprimindo 3 sentimentos oppostos na mesma phrase musical!

Hoje a orchestração deve ser o grande nervo sensitivo das partituras.

Cada instrumento, o violino, o baixo, o violoncelo, etc., devem representar, por assim dizer, um personagem com seu character e vida propria e do seu conjuncto resultar—o drama, a paixão, a paizagem, a scena que a composição representa.

Me explicarei melhor exemplificando os meus conceitos.

N'uma das meliores producções de Beethoven—a celebre e assombrosa *Symphonia pastoral*, a alma do espectador ouve, sente e como que vê as seguintes impressões:

O canto fresco e rustico de um pastor debaixo de uma arvore desperta a imagem de uma situação campestre. A impressão, causada uma vez, persiste; e o motivo é repetido, deixado, tornado a repetir com uma encantadora monotonia por entre os ruidos da orchestra. E' porque a alma cede á attracção do espectáculo; sente, mas ainda não pensa; a consciencia do seu bem estar é vaga como um sonho, e o motivo principal fluctua como este sonho. A alma gosa, mas é invadida, dominada pela natureza; assim tambem a harmonia invade, domina a melodia, que apparece para logo desapparecer.

A alma inebriou-se, gosou, depois devaneiou. Ao devaneio succede o pensamento e o pensamento solitario traz a melancholia.

Concentrada em si, á beira de um regato, a alma vê o



campo com olhos destrahidos. E' o que o *andante* traduz admiravelmente.

A melodia é mais frequente, mais profunda, mais triste; a natureza continúa o concerto de suas vozes; mas este concerto já não domina a alma, que se escuta a si mesma, olha para dentro de si.

E' necessario um incidente para a fazer sahir d'aquelle estado.

Pois bem; vae produzir-se, e o canto repetido de um passaró prepara a situação.

Effectivamente, o *scherzo* a 3 tempose *allegro* é o prelude de uma dança de pastores. Ao som dos seus instrumentos predilectos formão-se os grupos, e a alma assiste a uma dança de um adoravel colorido.

Mas... não ha prazer duradoiro n'este mundo. Ronca o trovão ao longe; cahem grossas gottas de chuva; aproxima-se uma tempestade.

Os medrosos fogem, os bravos ficam, mas percebe-se que a dança é menos numerosa, e que os dançadores hesitam; a flauta pastoril pára de quando em quando; os sons tornão-se mais fracos, depois mal se ouvem, depois não se ouvem de todo. Estala a tempestade com todo o seu furor. A natureza reina como soberana. Troveja a orchestra, o vento muge nos contrabaixos, redobra a chuva, as torrentes desencadeião-se, a perturbação attinge o seu cumulo. Mas dura pouco. Insensivelmente afasta-se o trovão, o vento aplaca-se, restabelece-se de novo a serenidade, a alma recobra alento, e n'um canto, que é um hymno de incomparavel melodia, rende graças áquelle, que depois da procella lhe restitue a quietação e a felicidade. (5)

Mais um exemplo e terminarei.

---

(5) Biographia de Beethoven, pag. 29.



Berlioz immaginou um plano de composição, na qual fez brilhar, sobresahir o *alto* (viola).

Escreveu para a orchestra uma série de scenas, nas quaes o *alto* solo tomaria parte como um personagem mais ou menos activo conservando sempre seu character proprio.

Fiz, pois, diz elle, do *alto*, collocando-o no meio das poeticas lembranças que me tinham deixado as peregrinações nos Abruzzos, uma sorte de devaneio melancolico no genero do *Child Harold* de Byron. D'ahi o titulo da symphonia—*Harold na Italia*.

No final d'esta composição, n'esta furibunda orgia, onde entra em scena ao mesmo tempo a embriaguez do vinho, do sangue, da alegria e do odio, onde o rhythmo parece, ora tropeçar, ora correr com furia, onde boccas bronzeadas vomitam imprecações e respondem com blasphemias á vozes supplicantes, onde ri-se, fere-se, bebe-se, mata-se e viola-se —a orchestra parece um verdadeiro e assombroso pandemonio.

Ella tem alguma cousa de sobrenatural e admiravel no frenesi de sua verve; tudo canta e ruge com uma ordem e um accordo diabolico: violinos, baixos, trombones, tymbales e cymbales, emquanto que o *alto solo*—o sonhador *Harold*—fugindo espavorido—faz ouvir ao longe algumas notas tremulas de seu hymno da noite. (6)

E' esta, meus senhores, a verdadeira orientação da musica moderna, mas não quero que vejam nos ultimos conceitos que venho de externar, uma sombra a empanar o merito do nosso primeiro maestro—gloria genuina e purissima da nossa Patria.

---

(6) Carta a Henri Heine por Berlioz.



A Patria! e elle pensou tanto n'ella que no velho continente, sentindo o mal que o deveria levar ao tumulo—não hesitou em atravessar o oceano, alquebrado, lancinado pela dôr, quasi moribundo e vir entregar a ella—a mãe amantissima—o seu ultimo archejo, a ultima scintillação de seu olhar de aguia triumphante, a sua derradeira lagryma—lá junto das aguas do rio immenso das Amazonas, que hão de soluçar no espadanar eterno de suas cachoeiras a eterna gloria de Carlos Gomes!

Ceará, 16 de Outubro de 96.





**EVOHÉ'!**...

*Echoam gritos de prazer vibrantes...  
Ephebos riem. Sôa crystallino  
Um harmonioso tilintar divino  
De killis leves, rutilos, sôantes.*

*Nas caçoulas de prata, inebriantes,  
Fumam a myrra e o sandalo mais fino,  
E em canistreis auriferos mitimno  
Vinho corre em ondas olorantes...*

*Sioles sôam. Um satyro se excita  
E obscenos versiculos recita  
Ao som exúl e sedulo da lyra,*

*—Evohé!... grita a turba enfebrecida,  
E em frenesi debate-se vencida,  
E ri-se e canta e trôpega delira!...*

ALFREDO SEVERO.



## Esboço da origem e desenvolvimento histórico da lingua Inglesa

Até cerca do anno 450 da era Christã fallavam-se na Bretanha dialectos Celticos, si bem que no sul do paiz predominasse o Latim em virtude da conquista de Julio Cezar meio seculo antes da vinda de Christo, conquista que, segundo Brown, não forneceu elementos para melhoramento algum dos povos sobre que ella se exerceu.

D'aquella epocha em diante (450. A. D) prevalecem os dialectos fallados pelos Jutos, Saxões, e Anglos, tribus de raça Teutonica, que a convite dos Bretões vieram se estabelecer como um auxilio contra as invasões dos Pictas e Scotos e que ahi ficaram depois de haver escravizado ou expellido para as montanhas do paiz de Galles aquelles que lhes haviam implorado protecção.

Os Saxões vieram da região entre o Elba e o Eiler, os Anglos do Ducado de Sleswick e os Jutos da parte superior do Sleswick ou Jutlandia Meridional.

Dos dialectos de que se serviam essas tribus, que se diziam descendentes de Gomer, filho de Japeto, e que todos são Baixo Allemão, conhecem-se hoje vestigios de dois apenas — o septentrional e o meridional, sendo que este possui uma litteratura muito mais extensa que aquelle.

Chamou-se baixo allemão o dialecto fallado na costa do Oceano Germanico em opposição a alto allemão, que era a lingua falada no interior do paiz.

A lingua fallada e escripta durante os sete ou oito seculos, que se seguiram ao estabelecimento Teutonico e na qual se notabilisaram Gildas, que nasceu 70 annos depois da expedição de Hengist e Horsa, os chefes dos Jutos, si é que



taes chefes existiram a dar-se valor ás objecções de Francis Palgrave, Kemble e Macaulay, que os tem na conta de mythos, o grande theologo e historiador Beda (seculo VII), S. Bonifacio e o frade Alcuino, o luminar do VIII, e o sabio rei Alfredo, gloria do IX seculo e continuador do obra civilisadora de Beda e seus discipulos, é o que se chama *Anglo Saxonio* ou *Inglez*, como Beda e Alfredo a denominam; pode-se dizer, porém, que a formação do Inglez propriamente dito começa no seculo XIII e ainda assim é pouco intelligivel ao leitor moderno.

Mais rigoroso ainda é o Dr. Johnson quando affirma que Sir John Gower do ultimo quartel do seculo XIV foi o primeiro autor, que escreveu em Inglez.

Contemporaneo de Gower foi Chaucer (1340—1400) o eminente poeta, traductor do *Roman de la Rose*.

A invasão Dinamarqueza pouco ou nada influiu sobre a lingua do paiz pois que esta era a mesma que a dos invasores, mas abateu consideravelmente o gosto pelas lettras. O mesmo não se poderá dizer da erupção dos Normandos e sua installação no paiz após a derrota de Harold em Hastings ou Senlac.

Quatro periodos distinctos devem assignalar-se na historia do desenvolvimento da lingua Ingleza :

- 1.º Inglez velho ou Anglo-saxonio, que vae até a invasão dos Normandos (1066) sob o commando de Guilherme o Conquistador ;
- 2.º Inglez medio ;
- 3.º Inglez moderno ;
- 4.º Inglez contemporaneo.

No primeiro periodo predomina o systema inflexional ou synthetico, a semelhança do que se dá com o Allemão moderno, não se encontram sinão excepcionalmente elementos estrangeiros, o vocabulario comprehende grande numero de palavras hoje obsoletas (*wuldor*, gloria, glorioso, *wæstm*



fructo, *torht* brilhante, *holm* oceano) e a orthographia differa consideravelmente da moderna até em palavras idênticas (hreed—reed, hwæt—what, leoht—light, halig—holy.)

Na poesia o processo então seguido é o da alliteração, que consiste no emprego de palavras ou syllabas começando ou terminando pela mesma letra.

E' o mesmo que se dá com a poesia Islandica.

Nos principios do seculo XIII é que a alliteração, graças á influencia da versificação Franceza, começou a ser substituída pela rima. Não quer isso dizer que antes da conquista Normanda fossem de todo desconhecidos na Bretanha versos rimados e o provam as linhas tão citadas de Craik, que começam por *Merie sungeu*, mas que eram de emprego muito limitado não ha que duvidar.

A primeira grande obra do periodo anglo-saxonio é o poema escriptural do Coedmon, frade de Whitby, que floresceu no seculo VII e bebeu suas inspirações nas verdades e bellezas Evangelicas.

E' o pae da poesia Ingleza.

Anteriores a elle, pois que precederam ao estabelecimento Saxonio, si bem que de menor interesse sob o ponto de vista litterario, são o *Tale of Beowulf*, cujo assumpto é todo pagão, e o *Gleeman's Song*.

O segundo periodo, isto é, o inglez medio estende-se até o anno 1500.

E' a epocha de grandes aquisições da linguagem, sendo seu processo caracteristico a fusão dos elementos Inglez e Normando.

Então o systema flexional vae cahindo em desuso, os adjectivos se tornam invariaveis, a regra geral da formação do plural dos substantivos é acrescentar-lhes um S, todos os nomes de coisas sem vida são considerados do genero neutro e o systema poetico da alliteração vae sendo substituído pelo verso em rima.



A primeira parte d'este periodo pertencem o poema do sacerdote gallez Layamon (1200), intitulado *Brut* (bisneto de Eneas e fundador mythologico da Bretanha) e a *Rhyming Chronicle* de Roberto de Gloucester (1300); á parte media pertencem os escriptos de Chaucer (*Canterbury Tales*, *Nonnes Preestes Tale*, *Squiers Tale*, *Prose Tale of Melibæus*) e á ultima as *Pastou Letters* editadas por James Gairdner.

O terceiro periodo é a ultima transformação do Anglo-saxonio em Inglez moderno, e sua historia litteraria é cheia de interesse.

Corresponde ao pleno movimento religioso iniciado por Wickliffe, o traductor da Biblia, é o tempo da introdução da imprensa na Inglaterra por Caxton, assiste ao renascimento, á diffusão da litteratura classica.

Pode-se dizer que é a idade de ouro das lettras Inglezas.

Devido aos elementos Franco-normandos e á influencia das linguas Latina e Grega, o Inglez se desenvolve espantosamente dando entrada em seu vocabulario a um sem numero de palavras estrangeiras. Dessa mania de naturalisação é typo Sir Thomas Browne.

Nos fins do seculo XVII apparece, todavia, uma como reacção em favor de uma dicção Ingleza menos eivada de termos Latinos e Gregos.

Esse 3.<sup>o</sup> periodo pode se subdividir em 3 sub-periodos distinctos.

O primeiro comprehende os reinados de Isabel, Jacques e Carlos I e todo elle é pequeno para conter o brilho de Shakespeare, o creador do theatro Inglez, inimitavel conhecedor do coração humano e de todas as emoções de que nossa alma é capaz, genio a quem a litteratura do mundo deve as joias, que se chamam *Mercador de Veneza*, *Romeo e Julieta*, *Hamleto*, *Othelo*, *Macbeth*, *Rei Lear* e outras preciosidades.



Sua vida de autor iniciou-se com *Titus Andronicus* (1588) e encerrou-se com o *Rapto de Lucrecia* (1594) e os *Sonetos* [1605].

Em torno do prodigioso filho de Stratford agrupam-se os nomes dos poetas Gascoigne (a satyra *Steel glass*), Th. Sackville (*Mirroure for Magistrates*), o cavalheiro Sir Philip Sidney, e superior a todos o eminente Edmund Spenser, autor da *The Faerie Queene*, o herdeiro das glórias de Chaucer.

William Shakspeare nasceu em Stratford-sur Avon a 23 de Abril de 1564 e falleceu na mesma cidade em 1616 no mesmo dia e mez. Jaz sepultado na Abbadia de Westminster, canto dos poetas.

O filho querido da Memoria, o grande herdeiro da Fama como delle dizia Milton, teve o nome abocanhado pela inveja dos Forbes, dos Johnson, dos Green, dos Shaftesbury, mas contra elles tem razão a consciencia universal, que pelos labios de Ducis proclama-o o mais vigoroso, o mais espantoso poeta tragico que já existiu, genio singularmente fecundo, original, extraordinario, creado pela natureza ora para pintal-a com todos seus encantos ora para fazel-a gemer ao pezo dos attentados ou dos remorsos do crime; ao grande interprete das paixões humanas, ao profundo conhecedor do coração tentou morder o cume da claqué de Ferney, mas Villemain acclama-o o genio Inglez personificado, Chateaubriand diz que elle é a Inglaterra, Hugo apraz-se em apregoal-o como a grande gloria da patria Ingleza, acima de quem não ha outro, chama-o de legião, em uma palavra um homem genial.

Sobre Shakspeare se tem escripto livros em numero tal que exclusivamente com elles se poderiam organizar bibliothecas.

São contemporaneos dos primeiros tempos de Shakspeare os dramaturgos Marlowe, Lodge, Peele, Greene.



Pertencem ainda a essa epocha Beaumont (14 dramas), Fletcher (38 dramas), Ben-Jonson, autor das notaveis tragedias *Sejanus* e *Catilina* e de algumas comedias em que pinta com a maxima fidelidade os costumes Ingлезes, Chapman, traductor de Homero, Marston, Thomas Heywood, James Shirley, o philosopho Bacon, fundador do methodo experimental, Taylor, o theologo Hooker, autor das *Laws of Ecclesiastical Polity* e o lyricc Robert Herrick.

O 2.º sub-periodo estende-se com a Republica de Cromwell e a restauração dos Stuarts. Pertence-lhe John Milton, a mais potente cerebrisação em todo seu decurso, o immortal cantor do *Paradise Lost*, *Paradise Regained*, *L'Allegro*, *Il Penseroso*, *Lycidas*, *Comus*, *Sansão Agonistes*; pertencem-lhe igualmente John Bunyan (1628 — 1688) a quem as perseguições religiosas inspiraram o bello volume, que se chama *Pilgrim's Progress*, Samuel Butler, autor do *Hudibras*, cujas paginas respiram só o ridiculo como arma de guerra contra o fanatismo politico, os poetas Sedley, Mulgrave, Rochester e esse grande artista litterario, que se chamou John Dryden e cuja penna elegante produziu o *Annus Mirabilis*, *A Conquista de Granada*, *Aurengzebe*, *Absalon* e *Achitophel*, *Religio Laici*, *Festa de Alexandre*, *Theodoro* e *Honorio*.

No drama como imitadores mais felizes de Dryden podem citar-se Lee, Southerne, Crowne, Rowe, Th. Otway.

Estudando-se o desenvolvimento do espirito Britannico operado então sob o ponto de vista scientifico merecem especial menção o sabio Isaac Newton, o profundo pensador Isaac Barrow, os theologos Tillotson, South, Cudworth e Sprat e os philosophos Thomas Hobbes e John Locke.

Com a rainha Anna tem principio a 3.ª edade litteraria do Inglez moderno.

Caracterisam-a as poesias de Pope, que é o herdeiro do sceptro vago pela morte de Dryden e que alem das traduc-



ções da *Illiada* e *Odyssea* legou-nos seus bellos *Ensaio*s *sobre a critica*, e *sobre o Homem*, de Gay, Prior, Thomas Gray, Chatterton o suicida, Cowper e Burns, o Beranger Escocoz; a prosa do satyrico Swift, a quem se deve as *Via-gens de Gulliver*, de De Foe, o autor das *Aventuras de Robinson Crusoe* e de Addison, o director do *Spectator*; os romances de Samuel Richardson (*Pamela*, *Clarissa Harlowe*, *Sir Charles Grandison*) e seu contraste Henry Fielding (*Tom Jones*, *Joseph Andrews*) e os de Smolett e Lawrence Sterne; finalmente os trabalhos do Doutor Johnson sobre critica e lexicographia, de Adam Smith sobre *Economia Politica*, de Reid sobre *Philosophia*, e de Gibbon, David Hume e Robertson sobre *Historia*.

O 4.º e ultimo periodo da lingua e litteratura Inglesa, aquelle que atravessamos, começa com o seculo, assigna'la o completo desenvolvimento da linguagem como instrumento da intellectualidade poderosa do povo civilisado por excellencia.

E' o reinado de Byron, o sceptico cantor de *Childe Harold*, *Giaur*, *Lara*, *Mazeppa*, *Manfredo* e *Don Juan*, outras tantas pinturas de sua vida agitada; de Walter Scott, o fundador da escola romantica e cuja nomeada repousa em *Marmion*, *The Eady of the Lake*, *Waverley*, *Ivanhoe*, *Rob Roy* e muitos outros romances, cujos assumptos elle foi pedir emprestado á historia da Escocia e de Inglaterra; de Percy Shelly, o amigo e rival de Byron no sentimento moderno, que lhe anima as producções; dos poetas lakistas ou philosophicos (Wordsworth, Coleridge, Southey, Wilson, Lamb), cujo precursor é Bowles; de Francis Jeffrey, o celebre director da *Revista de Edimburgo*; de Thomas Moore, o cantor da verde Erin, o completador brilhante da obra litteraria e patriotica de Fergusson, Callanam e Griffin; do dramaturgo Sheridan Knowles; dos poetas Hood, Robert



Browning, Alfred Tennyson, Patmore; dos romancistas Dickens e Elliot; dos criticos Thackeray, Croker e Hazlitt; dos historiadores Macaulay, Lingard, Hallam e Froude; dos philosophos Dugald Stewart e Thomas Brown; dos naturalistas Darwin, Herbert Spencer, Huxley e Lyell; do economista Malthus; de James Mill, Sharon Turner, Lytton Bulwer, W.<sup>m</sup> Napier, Stanhope e tantos outros astros de primeira grandeza no ceu intellectual da Inglaterra contemporanea.

G. S.





## CABELLOS BRANCOS

AO F. CARNEIRO.

Hontem—não sei porque.—quiz ver ao espelho  
O meu semblante rude e macilento...  
Achei-me velho, como um pobre velho  
Encanecido pelo soffrimento...

Rio-se o crystal, assim como esqueletos  
Riem da campa nos marmoreos flancos:  
N'uma floresta de cabellos pretos  
Ai! descobrira dous cabellos brancos!

Porque te alegras?—perguntei magoado—  
Da pallidez, que a minha face ensombra?  
E o velho espelho responde-me irado:  
Parvo! Quem rio foi tua propria sombra!

Cabellos brancos e tão moço ainda!  
Envelhecido em plena mocidade!  
Se a palavra tem côr, alvura infinda  
Supponho ter o nome de saudade...

Porque foi ella quem embranqueceo  
Esses dois fios negros de cabello...  
(Tem-se saudade do luar do ceo  
Quando se fita uma porção de gelo).



*E de meu quarto a lurida janella  
Abri; gosto de vêr o tamarindo  
Que enfeita a rua aonde moro, bella  
Com a sua egreja, como um sonho lindo...*

*Tristonhos sons de um piano ouvi. Humano  
Hymno, ... humano... porém eu duvidava  
Se aquella voz sahia do piano,  
Ou se era o tamarindo que chorava...*

*Porque os sons eram bem iguaes á côr  
D'arvore verdejante e lacrimosa:  
Assim tambem essa palavra—amor—  
Guarda nas lettras o pallor da rosa...*

*Breve mudaram de feição as notas:  
Eram «boleros» de alegrias francas:  
Minh'Alma agora ás regiões remotas  
Ia buscar aquellas notas brancas!*

*Então pedi ao desalmado espelho:  
Reflecte d'estas uma imagem... uma...  
E a rir, a rir, como um demente velho  
Elle cobrio-se de cinzenta bruma...*

*Doudo! eu queria que elle reflectisse  
Aquelles sons, somente para vê-los  
Enlaçados á célere velhice,  
A' neve que começa em meus cabellos!*

*Mossoró—Janeiro—1896.*

H. CASTRICIANO.



## ESTUPRO

## III

E ella tendo entre as mãos o manual, em cuja capa de madriperola mostrava-se em relêvo um crucifixo, pensava, naquelle andar somnambulo que a movia, sem consciencia e sem tino, que o seu soffrimento era o maior de todos os soffrimentos, e sentia que a sua tristeza era uma agonia de moribundo, lenta, sem remedio, sem esperanza.

Os seus bellos olhos negros e grandes, que tinham tanta luz, não viam o sol, nem viam o céu resplandecendo de azul e ouro: estavam vasilios, inexpressivos, immoveis, duros como si fossem olhos de pedra.

No delirio exaltado do amor e da paixão, subia-lhe ao coração, de momento a momento, a coragem de dizer palavras acerbos e terriveis, esmagadoras, cheias do fel do desprezo e da raiva do odio, ao homem que a levava pelo braço por ahi, por ahi além, num errabundo andar sem destino, por essas ruas largas e vasilios; tinha impetos de dizer que o desprezava, de gritar que o não amava.

Passava-lhe pela imaginação romantisada, como cousa extranha que affaga e seduz, o pensamento de um suicidio entre flores e perfumes, em que seu corpo fosse encontrado vestido de branco, com uma grinalda na cabeça. Depois... elle não vel-a-ia mais; deveria soffrer muito... Si ao menos pudesse ver, pudesse sentir com elle soffria... As lagrymas das amigas caiam-lhe nas faces pallidas, emmurchecidas; a saudade e a dor arroxavam-lhes os corações, e os dolorosos e plangentes soluços gemiam na solidão mortuaria do quarto...



--Vamos passar o dia em casa do Sigismundo; a Maroca faz annos hoje, e elle aproveita a occasião para offerecer um pic-nic aos amigos. O Presidente vae.

Só muito adiante foi que ella disse, cançada como si lhe faltasse o folego:—Estou com uma enxaquêca terrivel, pode acontecer que me dê vomitos... E parou como insensivel.

—Anda depressa, que faltam apenas tres minutos para o bond partir.

Os burros trotaram.

Por cima do portão da chácara estava armado um arco em triumpho; bouquets de flores pendiam-lhe do alto, suspensos por largos laços de fita. Cordões de bandeirinhas, crusando-se, enchiam de côres vivas e alegres os claros das arvores; de espaço a espaço, banquetas com cadeiras em derredor; á sombra duma alta mangueira, linheira e frondosa, estendia-se a longa mesa de refeição; os criados, de aventaes brancos, passavam e repassavam ligeiros e alegres, e sentado sobre a borda do tanque, o jardineiro fumava tranquillo, olhando em direcção a um canto, ao longe, onde ruminava uma vacca de rara belleza.

Como parentes que eram, podiam chegar mais cedo, no entanto não eram os primeiros. Na sala conversavam já diversos convidados, e, pela janella aberta, ao passar, Auria viu-lhes as figuras reflectidas no espelho da parede fronteira. O que estava sentado por baixo duma copia do celebre quadro de Rembrand, endireitou-se e ergueu-se: a sua saudação foi correspondida com especial affecto. E' que este tinha a gloria do talento, que a deslumbrava.

Ella passou rapida, e pelo claro da porta entre-aberta, appareceu, lá dentro, uma nesga alvissima do cortinado caindo do tecto.

A's onze horas chegava o Presidente. Saudou-o á entrada uma banda de musica. Estalavam secco, no ar, os foguei-



tes, e falavam, a um só tempo, todos os convidados, que se reuniam ao toque da musica.

Nesse momento, pelo fundo da chácara, apitava, golfando vapor, a locomotiva que descia do centro, rangindo aos solavancos do trem.

Reuniam-se alli, quasi sem excepção, em mistura de sexo, as mesmas figuras de todas as festas, as mesmas figuras obrigadas de todas as cousas, o pessoal da moda e da ordem do dia.

Ouvia-se o zum-zum do frou-frou da seda das toilettes e do som das conversas em confusão.

Sentia-se no ar, levemente sujo de poeira, o cheiro forte da comida e o aroma que subia das cabeças perfumadas das mulheres.

E, de longe em longe, a musica vinha reanimar os animos que se iam aborrecendo, abatidos pela cerveja e pelo calor do meio.

Durante quinze minutos o dr. Sigismundo distribuiu logares na mesa aos seus convidados. O tilintar dos pratos, dos talheres e dos copos alteava-se com a animação que traziam os estomagos satisfeitos. A dissonancia dos ditos de quem não é e nem sabe ser espirituoso, perdia-se sem écho, e como que ficavam vibrando desagradavelmente nos ouvidos da gente. As risadas volteavam por cima da mesa, paravam um instante, subiam e desfaziavam-se no ar. A uma hora da tarde foi erguido o primeiro brinde, e, como uma cousa successiva, outro seguiu-se e mais outro e muitos mais. O assumpto, nesse banquete intimo de familia, ia derivando para o lado politico, quando o querido orador, cuja palavra expressiva e burilada, encantadora sempre e sempre ouvida e acolhida entre applausos como a primeira dentre todas, como que pedindo a Auria, num olhar de quem pede perdão do que vae dizer, o seu consentimento, ergueu-se modesto, sacudindo, com as pontas dos dedos, a poeira do



croisé abotoado, e disse mansamente, com voz saudosa e doce, que tambem queria fazer ouvir a sua palavra. Não vinha lembrar a patria tão brilhantemente saudada, saudar a imprensa, nem brindar os donos da festa; vinha falar quasi que só para si e para mais alguém. Precisava dizer alli, na alegria daquella festa, aonde se juntava a graça juvenil das iracemas e a distincção dos cavalheiros, um nome que lhe era muito querido, e dizia-o, saudando a litteratura cearense no bellissimo talento de Omar, que se achava ausente da terra querida. As palavras saíam-lhe, naquelle seu modo de saber dizer, mais bellas que perolas, mais doces do que harpas, mais embriagadoras que champagne.

O Presidente conservou-se callado, para manter a austeridade de sua posição.

Os assentos vagavam pouco a pouco, e pequenos grupos se iam formando ao tronco de cada arvore.

Os amadores passaram a logar proprio destinado ao jogo; e, para estes, desappareceram com a primeira cartada, o ruido da festa, os gritos de alegria, as vibrações da musica.

No grupo reunido em baixo do tamarineiro havia mais ruido, mais animação e mais vida. Duas pessoas—um homem e uma mulher—conversavam mais affastados. Uma gargalhada rasgada e longa acclamou a pilheria dum dos da moda: dirigia-se a uma senhora que estava na berlinda nos jogos da prenda—está presa, porque tem as pernas finas.

Um sopro passou dizendo: aquella é a mulher mais bonita desta terra. Era uma senhora alta, elegantissima, arte em todos os gestos, donairoza em todos os meneios, cabellos acastanhados de leve, e cuja bocca ora assemelhando-se a botão de rosa meio aberto, ora a fructo esquecito e bello que se pode crear na imaginação quando falta o nome, provocava desejos audaciosos de beijos profanos; os olhos pretos, como que molhados, tinham o azulado fugitivo das azeitonas maduras. Era rialmente bellissima.



Tremulavam no ar as notas de uma walsa, e um moço, cujos nervos, parece, cederam ás vibrações da musica, ergueu-se impulsionado, e poisando a mão na cintura de sua gentil visinha, deu algumas voltas no meio da roda. Ao sentar-se ella pullou, agarrou num galho, mordeu e engoliu, vibrando, com raivosa expressão de fome, um punhad das folhas azedas da arvore.

—Doutor, o sr. falou muito bem. Quer me parecer melhor que todas as vezes que tenho tido o prazer de ouvi-lo.

—Obrigado, minha senhora, pela delicada lisonja que me faz e que me quer fazer acreditar como si fosse verdade; em todo o caso é sempre agradavel ouvir a. Creia que si alguma cousa de bello houve nas minhas palavras, foi com certeza a lyra do poeta que se vae por ahi, mar em fóra, a chorar saudades e amor, não de mim.

A pallidez que lhe não pode esconder de todo a ventaróla chinesa, denunciou-a completamente ás duvidas do doutor.

—Já reparaste como a Auria conversa com o Martiniano? Aquella mulher gosta tanto de conversar com homem...

—E' que ella se quer metter á litterata. Aposto como estão a conversar sobre litteratura. Si queres ver passa como quem não quer nada e escuta.

—Tem lido nossos litteratos? Qual, na opinião de V. Exc.<sup>a</sup>, o melhor livro litterario cearense?

—Eu não tenho autoridade, doutor; mas si o gosto e o encanto produsidos em nosso espirito por uma obra permitem uma opinião, dir-lhe-ei que «Os Pescadores da Tahyba.»

—E não erra, fique certa. Aquelle livro é um primor, é uma poesia que nos canta divinamente á alma, que nos enche o coração de infinita doçura.

—E' bem certo que o feio pega... ella já não está tão bonita como era. O marido é feio que dóe, parece um papagaio. Já reparaste como elle anda com os pés para dentro?



Eu não me casava com aquelle caboré nem que elle viesse coberto de ouro.

—A criada da casa disse que elle maltratava muito a mulher, e que ás vezes quando há gente extranha em casa, se esconde por traz das portas e agacha-se como curúru por traz do banco das jarras, para espreital-a. E' muito ciúmento.

Credo ! . . .

—Dê-me licença, tenho muita necessidade de retirar-me, e tal, que me obriga a furtar-me ao prazer e honra de sua adoravel companhia.

E o doutor estendeu a mão á sua companheira.

Ia rareando o pessoal. A um e um, ás occultas, retiravam-se, muitos com os semblantes transformados.

\* \* \*

A tarde daquelle formoso dia de sol caia pesada e quente. Auria, affastando-se, subtrahiu-se á festa que declinava, e, olhando para o tanque onde a agua do repuxo fazia um leve ruido ao cair, viu que as folhas das pequenas palmeiras debruçavam-se para dentro, como si tivessem sêde, em posição de quem queria beber.

—Foi aqui nesta casa que começou o martyrio de meu amor. . . Para que, para que o amei? E' que o meu espirito procurava aquelle que o comprehendesse nas agruras da vida, nas torturas da paixão, na ancia do idéal, nas agonias da dor, nas magoas do soffrimento, na grandeza do amor. . . Que culpa tenho eu de que assim seja, si assim é? Padeço padeço muito! Não pensei nunca que o amor fosse asssim tão grande, tão forte! E eu, que me parecia ter nascido morta para o amor, amo em delirios de loucura, e sinto agora alguma cousa de menos no meu espirito, ou alguma cousa de mais no meu soffrimento, mais um goivo no cora-



---

ção, menos o raio de luz da alegria de minha alma, que se foi com o sol que se escondeu para mim. . . Desde que elle se foi, o sol nunca mais nasceu, e a noite não teve mais estrellas. . .

Os insectos, côr de cobre e cinza, zumbiam banhando-se na poeira luminosa da agua, atravessada pelos ultimos raios do sol que desapparecia ao longe, por entre castellos e torreões gigantescos de nuvens levemente tintas de azul e rosa.

Além, na torre de uma egreja, tocou Ave-Maria.

PEDRO MONIZ.





## O eunucho branco

*Lento o cortejo do Sultão desfila  
No vasto harem de mudos corredores :  
Velhos Pachás... humildes servidores,  
Em cuja cinta o yatagan scintilla.*

*Fóra o jardim. A calida pupilla  
Do sol dardeja emmurhecendo as flôres...  
Retrata o céu, de candidos vapores,  
A tela azul do Bosphoro tranquilla.*

*O Soberano, a cuja voz ufana  
Todo aquelle cortejo cai de rastro,  
Falla! (a pensar, quem sabe? na sultana)...*

*E, á sombra augusta do Crescente—um astro! —  
O eunucho branco, oh natureza humana,  
Lambe agachado o solo de alabastro!*

*Ceará—1897.*

RODRIGUES DE CARVALHO.





## 'ACTAS DAS SESSÕES DO "CENTRO LITTERARIO"

### Sessão de 1.º de Julho de 1896

EXPEDIENTE: Balancete da receita e despesa da sociedade, apresentado pelo thezoureiro, accusando deficit, — « Ineditos relativos ao levante occorrido na ribeira do Jaguaribe no tempo de Manoel Francez e Mendes Machado, » pelo Dr. Guilherme Studart.

PARTE LITTERARIA: «A verdade do obituario». Dr. G. Studart, — «Eremita», poemeto, Lopes Filho.

### Sessão de 15 de Julho de 1896

PARTE LITTERARIA: «Preludios», «Estatua de Menon», «Gruta-azul», sonetos de Rodrigues de Carvalho, — «Viatico» poesia, Th. Machado, — «Em Viagem», prosa, de Alvaro Martins.

### Sessão de 12 do Agosto de 1896

EXPEDIENTE: «Datas e Factos para a historia do Ceará», Dr. G. Studart, — 3º. trimestre da «Revista do Instituto do Ceará,» — «Manual do Visitante do Pobre», traducção de um confrade de S. Vicente de Paulo, — «Revista de S. Vicente de Paulo».

VISITAS: Do Snr. José Heitor da «Mina Litteraria», do Pará.

### Sessão de 12 de Agosto de 1896

PARTE LITTERARIA: Discussão sobre litteratura em geral, sustentada por todos os socios presentes á sessão.



### Sessão de 19 de Agosto de 1896

EXPEDIENTE : 5º numero da «Nova Revista» de Adolpho Caminha.

PARTE LITTERARIA : «Ruínas», soneto, Rodrigues de Carvalho.

### Sessão de 27 de Setembro de 1896

EXPEDIENTE: Relatorio do movimento do Centro, durante o anno decorrido, apresentado pelo Snr. Presidente Dr. Guilherme Studart.

Eleição para a nova directoria, que ficou assim constituída :

Presidente: —Dr. Guilherme Studart.

V. « « —Antonio Papi junior.

Secretario —Pedro Moniz.

Thezoureiro —Francisco Mattos.

Bibliothecario —Francisco Carneiro.

PARTE LITTERARIA: «America», (Capitulo deste livro) Alvaro Martins.

